

A ressurreição de um contador de causos

LITERATURA

Três décadas atrás morria Carmo Bernardes, um dos escritores mais importantes de Goiás e tradutor inspirado da cultura do sertão

Rogério Borges

rogerio.borges@opopular.com.br

A literatura salva. Ela salva a memória, salva o registro da cultura e dos costumes, salva a linguagem. No caso do escritor Carmo Bernardes, que morreu há 30 anos, a literatura salvou e continua salvando o imaginário do sertão, salvando o caçador do ataque sorrateiro da onça, salvando os amores ardentes e frustrados de Ermira numa fazenda perdida nas distâncias do Cerrado, salvando o olhar arguto sobre o cotidiano que só a crônica consegue oferecer. Nessas três décadas de ausência desse autor de obras fascinantes, como *A Ressurreição de um Caçador de Gatos* e *Jurubatuba*, a literatura também salvou a memória daquele mineiro de nascimento e goiano de adoção, um dos grandes tradutores de uma gente geralmente esquecida, de sabedoria descomunal e valentia a toda prova.

“Carmo Bernardes é um dos grandes escritores da literatura goiana e brasileira. As comparações e aproximações que muitos críticos fazem com a obra de Guimarães Rosa não nos parecem exageradas”, considera Marlon Salomon, coordenador de publicações da Editora da Universidade Federal de Goiás, que na sexta-feira (24), numa cerimônia que contou com a presença das herdeiras do autor, oficializou o acordo para a publicação da obra completa de Carmo a partir deste ano, como o POPULAR antecipou em agosto de 2025. “Sempre quis continuar o legado do meu pai e apareceu a oferta da UFG. Aceitei de pronto. Conversei com a família e todos concordaram”, relata Ana Maria do Carmo, uma das filhas do escritor. Um projeto que recolocará em catálogo títulos relevantes e trará novidades.

“Tenho dois livros inéditos que serão lançados na coleção. Também estou trabalhando com as crônicas que ele escreve para o jornal e pretendo publicá-las”, anuncia a filha, referindo-se aos textos com que, por



Carmo Bernardes: escritor, que morreu há 30 anos, terá sua obra reeditada pela editora da UFG



Reunião na UFG sela acordo para publicação dos livros

muitos anos, Carmo Bernardes brindou os leitores do POPULAR. “Acho que o nome dele e também as obras ficaram um pouco esquecidas por algum tempo, mas agora estão lhe dando o devido valor. Parece que o reconhecimento está acontecendo”, celebra a filha. “Nesta semana, exatamente quando lembramos os 30 anos de sua ausência, com a assinatura do contrato de edição de suas obras completas, cria-se um marco. Pela primeira vez, um importante escritor de nossa literatura terá suas obras completas publicadas por uma editora

local”, comemora Marlon, da Editora UFG.

“Ao viabilizar a publicação das obras completas de Carmo Bernardes, a UFG cumpre um dever histórico imprescindível para com a memória de Goiás e da literatura brasileira”, reforça a reitora da instituição, Sandramara Matias Chaves. “Como instituição que pulsa no coração do Brasil, compreendemos que a nossa excelência acadêmica e a nossa missão institucional só são plenas quando se traduzem na preservação e na valorização de nossa cultura, literatura e arte”, prossegue. En-

tregar estas *Obras Completas* à sociedade goiana e brasileira é a materialização da nossa missão, assegurando que o olhar agudo e a voz autêntica de Carmo Bernardes permaneçam vivos, acessíveis e recebam o amplo reconhecimento que merecem”, destaca a reitora.

“O contrato assinado nesta semana tem duração de sete anos. Pretendemos publicar ao menos três novos títulos anualmente”, detalha Marlon. “Para 2026, três títulos estão sendo preparados: *Jângala - Complexo Araguaia*, publicado em 1994; *A Ressurreição de um Ca-*

çador de Gatos: Contos e Outras Prosas”, publicado em português em 1997 pela Editora UFG; e *Vida Mundo*, o primeiro livro de Carmo Bernardes, que neste ano completa 60 anos de publicação e que nunca recebeu reedição e não é mais acessível”, informa. Vale lembrar que *A Ressurreição de um Caçador de Gatos* foi agraciado com o prestigiado Prêmio Casa de Las Américas, de Cuba, em 1991, ganhando uma edição em espanhol. A última obra de Carmo publicada foi *Xambioá*, em 2005, pela extinta Agepel, do governo de Goiás.

No catálogo da Editora UFG, as obras de Carmo Bernardes integrarão a *Coleção Biblioteca Goiana*, que em 2025 foi inaugurada com o lançamento de *Sertão sem Fim*, de Bariani Ortencio. “Com a coleção, o objetivo da Editora UFG é se transformar na casa da literatura e dos escritos fundamentais da cultura goiana. Ao mesmo tempo, pretendemos que a editora seja a grande vitrine e uma espécie de representação diplomática dessa literatura, projetando-a nos quatro cantos do País e até, por que não, no exterior”, projeta Marlon. “Pretendemos contar com especialistas que contribuam com a preparação dos volumes por meio de textos, pensados a cada livro, de modo a contribuir com o esclarecimento dos leitores sobre a situação histórica e estética de cada uma das obras”, acrescenta.

Há também a preocupação com a linguagem que Carmo Bernardes empregava, oriunda, em grande parte, de sua escuta e suas andanças sobretudo pelo interior. “Ele tinha verdadeira admiração por tudo em Goiás e Goiânia, não cansava de dizer que aqui era o melhor lugar de viver pelo seu clima, sua cultura e pelas pessoas hospitaleiras”, recorda a filha Ana Maria. “As narrativas de Carmo Bernardes preservam modos de falar, costumes, práticas culturais e experiências sociais ligadas ao campo e às margens urbanas. Editar suas obras é também um gesto em defesa do patrimônio imaterial, assegurando às novas gerações o contato com esse universo. Não dispomos mais dos originais desses livros. Vamos reeditá-los a partir dos livros publicados”, diz Marlon.

Essa circunstância vai requerer ainda mais atenção com seus trabalhos. No passado, Carmo Bernardes chegou a mandar toda uma tiragem ser descartada exatamente porque a editora não observou as minúcias do texto, se arvorando o direito de corrigir modos de falar que haviam sido reproduzidos na escrita do autor, descaracterizando seu estilo. “Teremos de ter um cuidado especial com a preservação da linguagem própria da prosa bernardiana, mas também teremos de corrigir erros de impressão que acabaram passando nas edições originais”, explica Marlon. Carmo foi um dos primeiros nomes aventados para o projeto por ter sido publicado pelo selo universitário anteriormente – a editora lançou *Quarto Crescente*, *Santa Rita*, *Perpetinha* e *A Ressurreição de um Caçador de Gatos* nos anos 1980 e 1990.

Itamar Sandoval

Divulgação

Um visionário ambiental

A pescaria, uma de suas paixões, sobretudo no farto Rio Cristalino, afluente do Araguaia, provocou uma série de identificações para Carmo Bernardes. Atento às histórias exageradas dos pescadores, mergulhado naquele imaginário mágico que misturava realidade e fantasia, numa oralidade rica e criativa, ele foi moldando uma literatura que dialogasse com esses universos. As riquezas naturais da região também lhe despertaram a consciência ecológica, uma bandeira que já nos anos 1940 era ardentemente defendida pelo autor, que incluiu esse debate em romances e crônicas. A ambientação de suas narrativas valorizavam a grandiosidade do sertão goiano. Isso ocorre desde seu primeiro trabalho publicado, o volume de histórias curtas *Vida Mundo*, que veio à luz em 1966, quando ele tinha 51 anos. “O meio ambiente era o objetivo principal dele, o qual defendia desde o ano de 1945”, testemunha a filha do autor, Ana Maria do Carmo. “Se ele estivesse aqui, posso te garantir que estaria sofrendo com tanto desrespeito que vem acontecendo. Posso garantir que seus escritos seriam de combate a tudo isso. Já pensou ele assistindo essa Prefeitura acabando com a arborização da cidade? Extirpando essas centenárias gameleiras? Não é bom nem pensar na guerra que

ele estaria se metendo”, cogita. “Além do meio ambiente, ele lutava por uma sociedade mais justa. Sinceramente, não sei o que ele faria diante de tudo que tem acontecido”, completa. As crônicas de seus últimos anos de vida, publicadas no POPULAR, dão uma boa pista sobre isso. Textos que devem ganhar formato de livro no futuro. Uma delas, publicada em 9 de março de 1995, chamada *Ecosistemas Ecológicos do Centro-Oeste*, é uma verdadeira aula sobre as relações profundas entre desmatamento, exploração inconsciente do solo e dos recursos naturais, como a água, e as ameaças aos animais e a todo o equilíbrio da região. Com texto didático e atraente, ele explica as diferenças entre vegetações, listando espécies de árvores e arbustos, aponta os variados bichos de todos os portes que vivem em cada uma dessas matas e brejos. E a todo momento Carmo enfatiza: determinada árvore, aquele sapo ali são endêmicos, não ocorrem em outro lugar do mundo. E são justamente esses que “encabeçam as fileiras da extinção”. É uma crônica que se presta a conscientizar e alertar. Muitos alertas foram dados por ele. Em 17 de fevereiro de 1995, Carmo Bernardes tratava da questão da mineração. “Grandes empresas de



Ana Maria do Carmo: “O meio ambiente era o objetivo principal dele, o qual defendia desde o ano de 1945”

mineração adotam o processo químico de aglutinação de ouro à base de ácido corrosivo, como água régia e o altamente venenoso cianureto de potássio. E o descarte dessa mistura infernal é jogado num lago chamado de dissipação (confira com as mineradoras instaladas nas cercanias das cidades de Crixás e Paracatu, em Minas Gerais). E quando um dia romperem a barragem desses reservatórios e cauda mortífera derivar para as vertentes respectivas, que irá acontecer?” É quase uma predição do que

veríamos ocorrer nas grandes tragédias de rompimentos de gigantescas barragens, como as de Mariana e Brumadinho, com centenas de vítimas e a destruição de ecossistemas inteiros. Nas participações que fazia no programa *Frutos da Terra*, de Hamilton Carneiro, na TV *Anhangüera*, um dos temas principais das conversas era sua preocupação com a questão ambiental. Este também era um assunto recorrente entre ele e um de seus grandes amigos, o jornalista e ambientalista

Washington Novaes. Os dois viajavam juntos na aventura de conhecer um Brasil profundo e uma natureza ainda preservada. Em outra crônica publicada em 1995, Carmo Bernardes descreve um cenário que tantas vezes o inspirou. “Nos buritizais cantantes, afinados ao sopro da ventania, que saúdam os passantes com o agito ‘belim, beleza’ das palmas e cachopas, focam as varas de caititus, e ringem dentes os bandos, mais de trinta, de porcos-queixadas.” Literatura com cheiro de folhas e terra.

Perseguição política

Carmo Bernardes foi um homem de convicções. Era um defensor absoluto da liberdade, tinha um olhar muito especial para grupos marginalizados, sua preocupação com o meio ambiente era notória. Tudo isso em épocas em que adotar tais posições não era algo simples. Pelo contrário, ele correu riscos em razão de posturas e opiniões. Em 1965, um ano após o golpe militar que instituiu a famigerada ditadura que perdurou até 1985, ele foi indiciado pelo regime, que o acusou de subversão, visado por sua atuação na imprensa e no serviço público. Para fugir da repressão, saiu de circuito, indo para a Ilha do Bananal, onde trabalhou nas obras de construção do Hotel JK. A bacia do Rio Araguaia, aliás, ainda teria uma influência grande em sua vida, nos mais diferentes aspectos. A pesquisadora Márcia Pereira dos Santos trata daquele momento tenso em publicação na Universidade Federal de Catalão. “Carmo Bernardes desenvolveu o trabalho jornalístico trazendo consigo a vida forjada no contato com a cultura rural, com a experiência de carpinteiro do pai e a sabedoria popular da mãe. No jornal *A Imprensa*, de Anápolis, iniciou uma atuação mais sistemática no jornalismo, nas décadas de 1940 e 1950. Ainda em Anápolis ingressou na publicação do semanário *A Luta*, jornal independente, muitas vezes impresso pelo próprio

Bernardes com a ajuda de Maria Nicolina do Carmo, sua esposa. Jornal combativo e atento aos problemas sociais, *A Luta* expressava as aspirações do autor de uma maior difusão da cultura goiana, bem como dos problemas que afligiam os goianos.” Aquela atuação foi o suficiente para o autor ser chamado a depor em um Inquérito Policial Militar. Vários conhecidos seus haviam sido detidos ou viviam sob ameaça dos militares. Nascido em Patos de Minas em 2 de dezembro de 1915, mas morando em Goiás desde os 5 anos de idade, ele só tomou contato com a política quando passou a atuar na imprensa. Antes disso, suas atividades estavam longe dos grandes debates nacionais. Vivendo em fazendas, primeiro na região de Formosa, depois no município de Anápolis, Carmo lidou com as liças da roça, aprendeu carpintaria com o pai, foi pintor e pedreiro, mas sempre interessado em livros e leituras. Sua aventura mais longínqua foi em São Paulo, onde esteve em 1949 fazendo um curso de prótese dentária. Virou dentista prático em Anápolis. O homem que gostava de compor versos para canções caipiras e não dispensava um dedo de prosa com os sertanejos que tanto admirava, com os peões e lavradores de quem soube captar a alma para levar a sua literatura, assustou-se com aquele cerco

ditatorial. Ficou um ano longe, mesmo padecendo com a distância da esposa, Maria Nicolina, com quem se casou em 1935 e teve cinco filhas. Isso não quer dizer que ele tenha abandonado sua visão crítica sobre a violência política de que foi alvo. Aquela experiência levou a dois livros, o título *Visto do Tempo*, reunião de textos jornalísticos, e o romance *Xambioá* — este foi concluído em 1979, ainda na ditadura, mas Carmo preferiu não publicá-lo. Ele só veio à luz em 2004. O POPULAR fez, na época, uma reportagem com sua viúva sobre o livro. *Xambioá, Paz e Guerra* trata da luta ocorrida durante a Guerrilha do Araguaia, no Bico do Papagaio, então Norte de Goiás, hoje Tocantins, na fronteira com o Pará, nos anos 1970. Aquele foi um dos episódios mais sangrentos da ditadura militar, no qual grupos armados, formados por militantes do Partido Comunista do Brasil, tentaram criar uma guerrilha rural nos moldes da Revolução Cubana. O Exército dizimou os revoltosos e, oficialmente, algo em torno de 70 pessoas morreram, mas a esmagadora maioria dos corpos nunca foi encontrada e várias vítimas entre lavradores e indígenas não foram computadas. Carmo esmiúça aquele conflito em uma obra que, ele sabia, traria problemas. Talvez querendo evitar dores de cabeça, ele a manteve inédita até sua morte.

Obra dinâmica e essencial

“Meu pai tinha grande preferência por *Jurubatuba* e *Jângala*. Eu tenho duas de minha preferência: *Jângala* e *Xambioá*”, revela a filha Ana Maria do Carmo. Entre as obras que Carmo Bernardes escreveu, é possível se apaixonar por várias. *Jurubatuba* é um romance espetacular, com personagens densos e hipnóticos, como a desbravadora Ermira e o multifacetado Ramiro. Os contos de *A Ressurreição de um Caçador de Gatos* são cheios de aventura e matreirice, demonstrando a sabedoria do homem do sertão, de como enfrenta os perigos inerentes ao ambiente, ameaças de gente e de bichos. Seu livro de estreia, *Vida Mundo*, publicado em 1966, quando o autor contava 51 anos de idade, já apontava para a força da literatura que surgia ali, de alguém que tinha a habilidade da escuta e da escrita. “Carmo Bernardes deu voz às camadas populares, denunciou injustiças e criticou a violência na sociedade brasileira. Uma edição completa reforça a atualidade de suas reflexões sobre terra, poder e desigualdade, questões que seguem centrais no Brasil”, considera Marlon Salomon, da Editora UFG. “Há mais de uma década nenhum livro de

Carmo Bernardes é publicado”, espanta-se. “Até onde pudemos levantar, houve a reedição de *A Ressurreição de um Caçador de Gatos*, em 2013, pela Editora UFG, e nada mais foi publicado.” O que é grave, dada a qualidade de seu trabalho. Os contos de *Reçaga*, *Areia Branca* e *Idas e Vindas*, as antologias de crônicas *Rememórias I e II*, os romances *Santa Rita*, *Memórias do Vento* e *Perpetinha* são títulos que merecem ser resgatados. Carmo é um autor essencial para o conhecimento de nossa cultura, como o são Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Élis, Regina Lacerda e Cora Coralina. O seu rosto era bem conhecido quando surgia todo final de semana na TV para contar causos deliciosos. Suas crônicas, por muitos anos, foram alguns dos textos mais lidos e comentados no POPULAR. Era um homem ativo nos eventos culturais, participava dos debates públicos, opinava sempre que podia sobre temas de interesse social. Após sua morte em Goiânia, em 25 de abril de 1996, essa visibilidade caiu e isso afetou injustamente a divulgação de seus livros. Ele continuou a ser estudado em universidades, mas suas obras não estavam tão facilmente disponíveis. Isso agora começa a mudar e esta é uma excelente notícia.